*Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricatura*

# REVISTA DA SEMANA

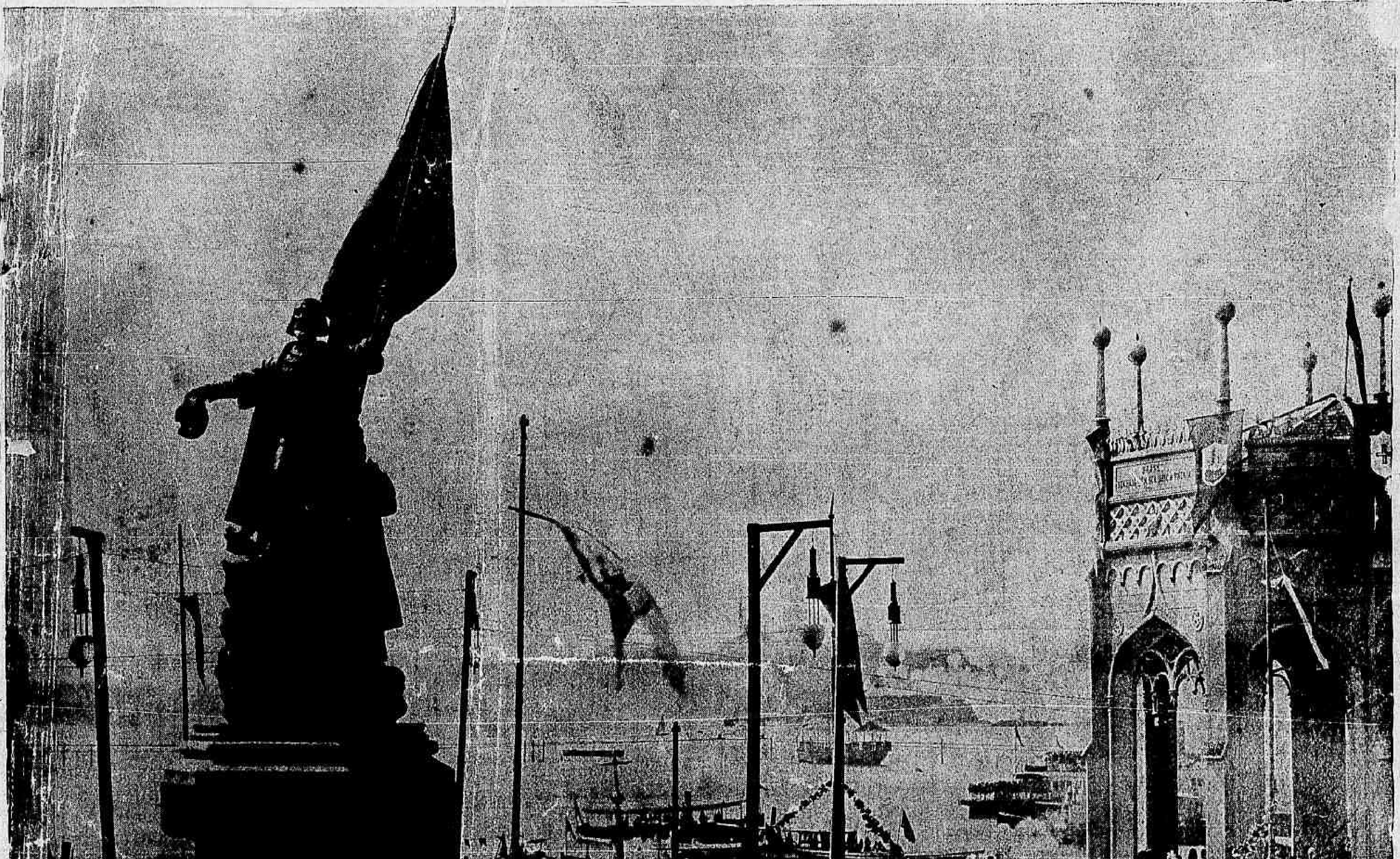
*Anno I. — N. 1* DOMINGO, 20 DE MAIO *Numero: 300 réis*

R

BIBLIOTHECA NACIONAL RIO DE JANEIRO

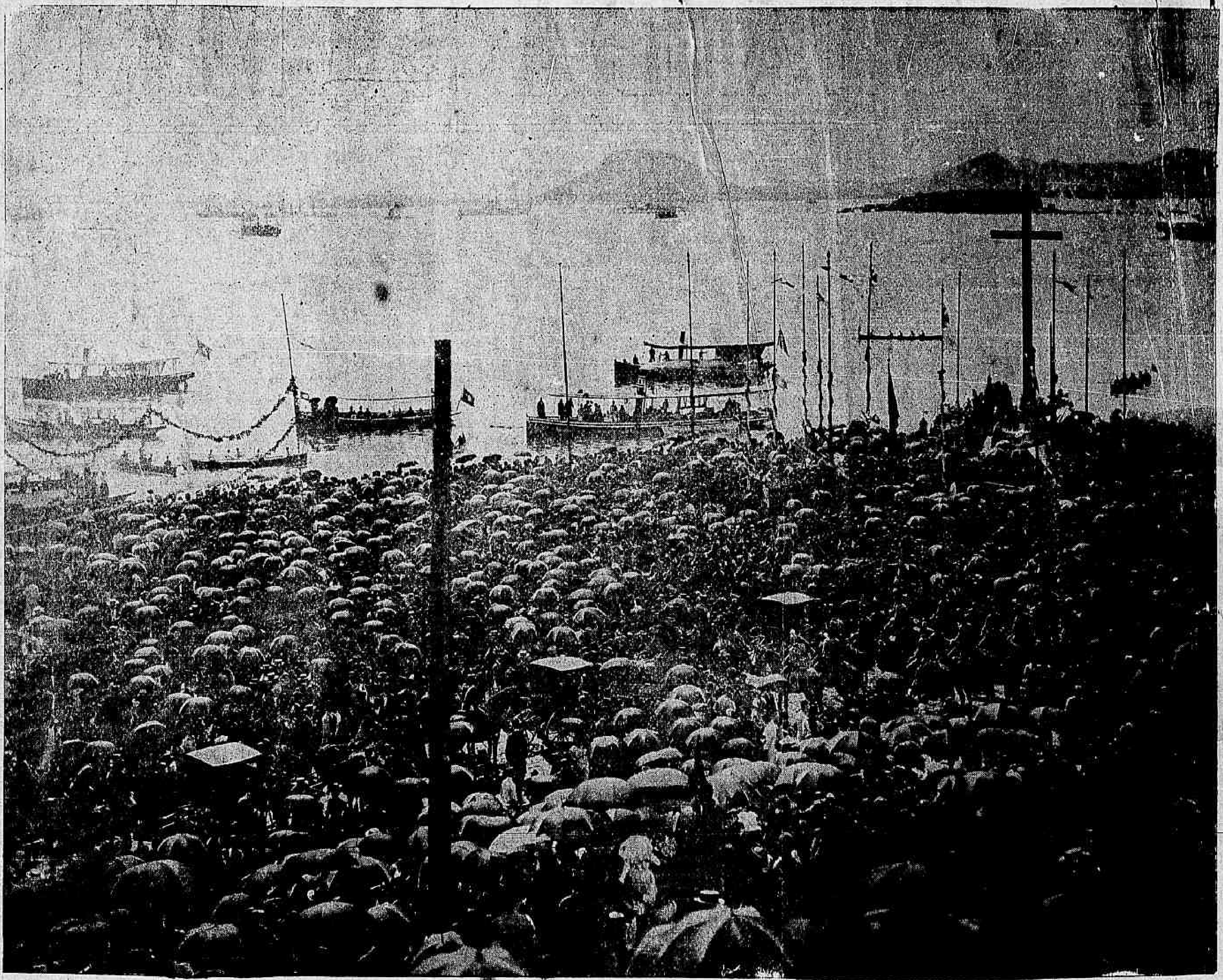
## AS FESTAS DO IV CENTENARIO

**Terceira edição**



**O monumento commemorativo do descobrimento do Brazil, trabalho do esculptor Rodolpho Bernardelli. Vista da praça da Gloria no dia 3 de Maio**

(Photographia offerecida pelos Srs. Bastos & Dias)



**As festas do IV centenario**

**A missa campal no dia 3 de Maio**

## SIMPLES APRESENTAÇÃO

A revista, cujo primeiro numero hoje publicamos, tem o desejo de ser um orgam de informação, illustrado e popular. Não cogita de politica, sob qualquer fórma que se possa entender essa designação. Não tem empenho algum em ver triumphar tal ou qual escola litteraria.

Feita para o povo — desde as infimas ás mais altas camadas sociaes — a REVISTA DA SEMANA empenhar-se-ha sómente em fornecer a todos illustrações e artigos interessantes. De tudo quanto se passar durante a semana e que mereça attenção procurará dar, em excellentes gravuras, copiadas de photographias, o que deva excitar a curiosidade publica. Quando o caso assim exigir, juntar-se-ha a isso o texto necessario para a boa comprehensão dos factos, embora, em regra, nos empenhemos em multiplicar de tal modo as estampas, escolhendo-as tão bem que dispensem commentarios. Onde houver o que agrade ou impressione os espiritos curiosos, haverá um operador da REVISTA, photographando-o, para incluil-o nas paginas della.

A par dos successos nacionaes, a REVISTA DA SEMANA publicará frequentemente illustrações ácerca dos factos estrangeiros de mais vulto.

Caricaturas, modas, scenas das grandes obras dramaticas, peças de musica, romances — de tudo buscaremos dar o melhor. E' claro, por exemplo, que dentro do nosso rigoroso programma de indifferença politica, as nossas caricaturas nunca terão em vista exaltar ou deprimir tal ou qual partido ou personalidade. Visarão antes a critica de costumes.

Quanto ás modas, multiplicaremos as reproducções de figurinos tirados dos melhores jornaes da França, da Italia, da Inglaterra, da Allemanha, etc. Como é natural, os da França terão nossa predilecção, pois que são elles que dão tom ao mundo elegante brazileiro. O texto dessa secção, quando texto houver, será feito com a maxima competencia.

No que diz respeito a contos e romances, o nosso criterio para a sua escolha estará no interesse que a acção possa despertar, comtanto que a linguagem seja clara, accessivel a todos e o entrecho nada tenha de siquer ligeiramente censuravel debaixo do ponto de vista moral. Obedecendo a este programma, todos os bons escriptores nos conveem; desrespeitando-o, nenhum nos serve, seja qual fôr o seu talento ou genio. Não entramos, portanto, na questão de saber a que escola litteraria cada um pertence:

*Hors le genre ennuyeux tous les genres sont bons.*

Por isso mesmo, noticiando a recepção de livros nacionaes, abster-nos-hemos sempre, rigorosamente, de qualquer critica.

Ha uma classe de leitores de quem muitas vezes nos lembraremos: são as crianças. E' bom desde já ir buscando conquistar os futuros assignantes da REVISTA! Não só na secção das modas, como na litteraria e recreativa, pensaremos nellas muitas vezes. Um conto da caróchinha lê-se sempre com agrado. Tanto é assim que, tão longe quanto alcançam tradições humanas, a litteratura popular sempre floresceu em narrativas fantasiosas, no genero das que são apreciadas pelas crianças: não vai grande differença entre os contos da caróchinha de hoje e os que os egyptologos recolheram em velhos papyros, cuja idade é superior a 10.000 annos! Os que nós escolhermos, sejam originaes, sejam adaptados do *folk-lore* estrangeiro, saberão sempre ser interessantes.

Que outras cousas se devem aqui dizer aos leitores?

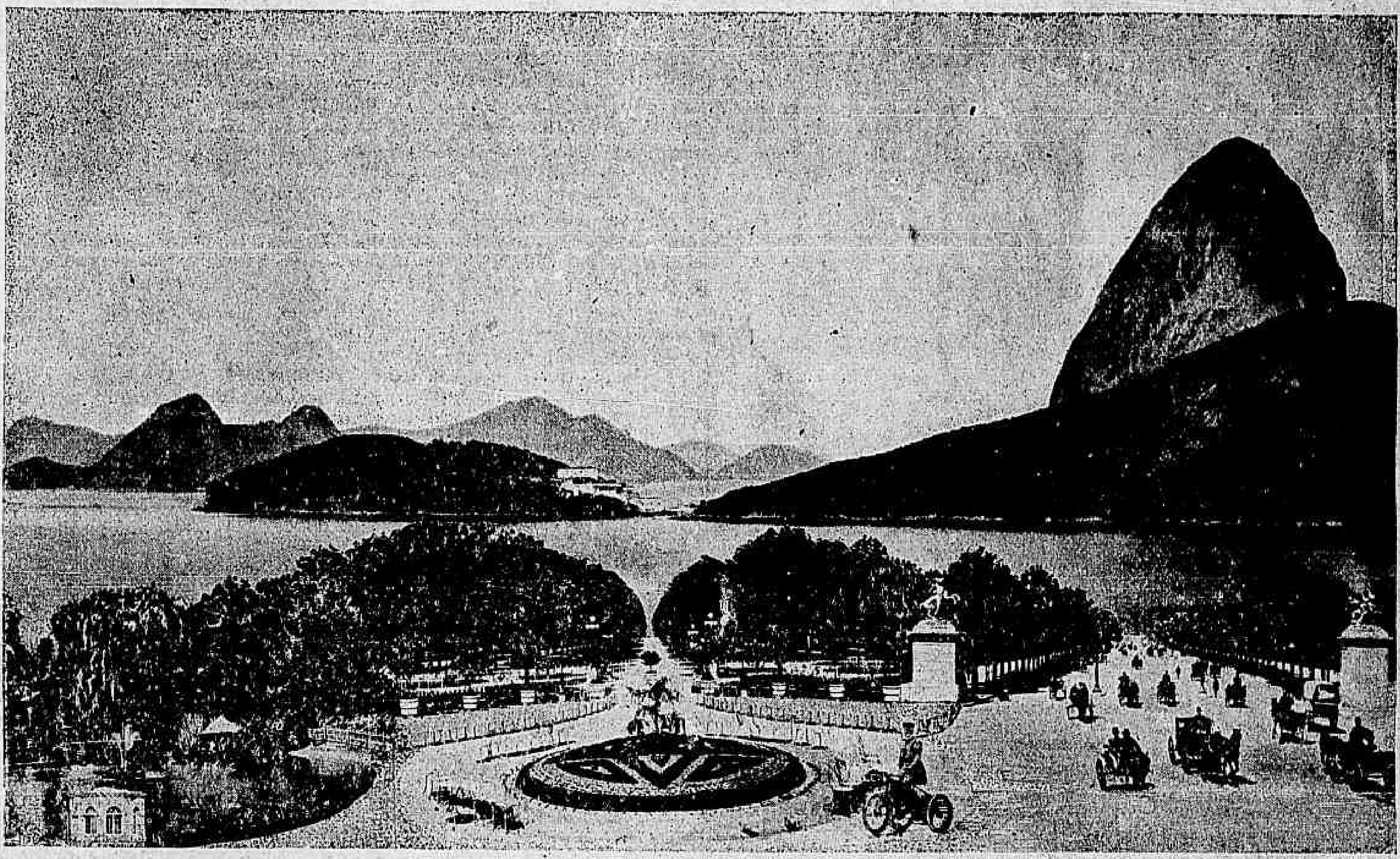
E' uma impertinencia inutil alongar um rosario de promessas... Mais do que as intenções magnificas valem sempre as realizações, mesmo quando são simples. Por isso, nós queremos que o publico nos julgue antes pelo que vamos mostrar-lhe effectuado praticamente. O nosso empenho estará todo em impôrmo-nos á sua attenção e á sua estima, em fazer com que a REVISTA DA SEMANA seja a revista necessaria em toda familia brazileira, tão indispensavel a curiosos espiritos que nella busquem sobretudo a chronica illustrada dos successos contemporaneos, como a formosas senhoritas, preoccupadas com os ultimos dictames da moda e a travessas crianças, querendo apenas alguns momentos de distracção.

## CORREIO DA SEMANA

A *Côrte de Appellação* decidio, esta semana que as mulheres podem advogar. Está afinal cortado o litigioso debate? Não é de crer. Desde que se inventaram advogados, não foi outra a missão d'elles senão complicar e embrulhar casos simples. Fazem isto por profissão, por gosto, por instincto. Na hypothese, juntam a tudo mais o immediato interesse: defendem-se de uma nova concorrencia...

O interessante é que os tribunaes vão variando cada dia: ora dizem que *sim*, ora que *não*, ora que *talvez*. Durante esse tempo, as medicas exercem sem o menor embaraço a sua profissão. Toda gente parece de accordo em que nella as mulheres tem a probabilidade de prestar bons serviços. Ora, quem se dér ao trabalho de meditar sobre as duas hypotheses verá que a medica, obrigada aos deveres da clinica, póde muito menos cuidar dos trabalhos domesticos da familia, que a advogada. A primeira não tem possibilidade de escolher clientes e molestias; nunca se deve furtar ao trabalho immediato e pessoal, de dia ou de noite, como fôr necessario, não a ella, mas aos que reclamam seus cuidados. A segunda, sem interromper a sua vida domestica, limitando-se apenas a sahir algumas horas por dia, tem o direito de aproveitar o momento que julgar mais asado, para arrazoar autos, preparar libellos, architectar defesas.

Mas o que repugna aos delicados é o apparecimento da mulher nos pretorios e tribunaes, mettida, por assim dizer, corpo a corpo, na vida publica. Que ellas perambulem abaixo e acima, durante dias inteiros, a rua do Ouvidor, deixando casa, familia, educação de filhos



**No anno dois mil.** — Photographia prophetica do que será o Rio de Janeiro no V centenario.

abandonados a mãos mercenarias, pouco lhes importa. Pouco lhes importa saber como uma alma se suja naquelles mexericos da rua ociosa, onde a intriga floresce, a calumnia viceja, as torpezas brotam candida e inconscientemente de boccas formosissimas... A mulher é para elles a teteia delicada e fragil, feita para regalo dos sentidos; animalsinho de luxo, mimoso e futil, que não tem capacidade para se entregar a nada de sério.

Seria realmente muito bom que todas ellas, embora não realisando esse ideal tão pífio, podessem ao menos ter o conforto do lar e ficar adstrictas á vida domestica. Mas ha para isso, entre outros, o seguinte obstaculo: só na Europa, as mulheres excedem de SETE MILHÕES o numero de homens. E' o mesmo por toda parte. Quando — portanto, a raça dos celibatarios ficasse inteiramente extincta, ainda assim sobrariam *sete milhões* de solteironas. Quem lhes pagaria, não apenas as joias caras, os fanfreluches, as rendas e sedas, porém, o simples pão, a chita modestissima?

*

Mas a mulher não tem capacidade para as luctas, a que hoje se quer entregar—dizem os mysoginos.

E' uma questão de adaptação. Chegaremos lá—e chegaremos bem rapidamente. Ha apenas meio seculo, que a educação feminina começou a ser feita e já os seus resultados são notaveis. E' rara a esphera de conhecimentos humanos, mesmo as regiões mais aridas, como a mathematica, em que a mulher não tenha dado cópia do seu valor, durante esse tempo. Aliás, semelhante resultado era de prevêr, porque os que raciocinam contra ellas, fazem este syllogismo absurdo, já denunciado por um auctor de merito: «O homem *livre*, em alguns milhares de annos, produzio uma certa civilisação. A mulher, sempre *escrava*, não poude durante o mesmo tempo crear cousas muito originaes. Logo a mulher, *mesmo em outras condições*, nunca creará nada de original.» Que direito póde haver para um tal raciocinio? E' claro que nenhum.

*

Precisamente um telegramma de quarta-feira ultima dizia-nos que as mulheres boers reclamam vivamente a sua incorporação no exercito combatente. Oh! como a pilheria brota, expontanea, só ao ouvirmos este pedido! Esse é um dos argumentos predilectos dos anti-feministas: «Si as mulheres querem ser advogadas e medicas, queiram tambem ser soldados.»

Em primeiro logar, a consequencia não é rigorosa. Comprehende-se que, nisso como em tudo, a divisão de trabalho tem sua razão de ser. Porque a idéa nos faz sorrir? Pela fraqueza feminina: *a mulher*, dizia Diderot, *é um animal naturalmente fraco e doente*. O serem fracas para a guerra deve ser um motivo de tão justa exclusão para ellas como para os homens, que os conselhos militares excluem quando não têm um certo vigor physico, sem lhes prohibirem, entretanto, o exercicio de outras profissões masculinas.

De mais, não creiam que deixasse de ser possivel organisar um batalhão de mulheresinhas combatentes, que, no campo de batalha, déssem que fazer aos adversarios. Mas, sem contar que, mesmo nas guerras de hoje, muitas tarefas lhes podiam ser confiadas, devemos pensar na evolução que está fazendo o ideal militar.

De dia para dia, o que se vai pedindo aos exercitos é menos a força muscular, a resistencia physica, do que a habilidade no manejo de machinas aperfeiçoadas, com que, ás vezes, uma criança conseguiria lidar. As pelejas de Cuba, das Philippinas e do Transvaal não podem ser tidas, a este respeito, como modelos, porque ahi a lucta é semi-selvagem, sem exercito regular de um dos lados e em terrenos pouco conhecidos. Mas ainda assim a astucia, a habilidade na pontaria, o uso de bôas armas tem alcançado mais que o vigor individual dos soldados.

Foram-se as batalhas de outros tempos, braço a braço, corpo a corpo! Os escriptores militares prevêm que uma guerra entre duas nações européas deve decidir-se, no maximo, em algumas semanas. E cada vez mais o triumpho vai cabendo a quem dispuzer de melhor material, de mais intelligencia. As mulheres poderão então ser combatentes tão ou mais habeis que os homens, ainda que conservem a sua fraqueza de hoje—o que aliás não é provavel, desde que passem a ter educação mais racional.

Os soldados, que em nossos dias riem da fraqueza feminina das batalhadoras como as mulheres boers, esquecem como delles se ririam os velhos legionarios de seculos desapparecidos: as armaduras, capacetes e montantes, que ha nos muséos da Europa e eram diariamente usados pelos homens de Carlos Magno, mal podem ser hoje sustentados pelos mais bravos dos bravos de nossos exercitos!

*

Embora, entretanto, se preveja um momento em que a mulher até guerreira possa ser, sem a menor inferioridade, confesso que sinto muito bem, por ora ao menos, uma inferioridade d'ella no exercicio da advocacia.

Não se trata, de certo, da sciencia de dizer desafôros. Essa, quando fôr preciso, ellas terão. E' mesmo possivel, e isso é uma vantagem, que substituam as grosserias pelas malicias ferinas e leves, arranhando apenas, mas com arranhões como os que têm as settas hervadas de *curare*...

Depois, é força convir, entre nós os advogados são menos aggressivos que os medicos. Já sem cogitar das aggressões profissionaes, que elles consideram um dever (o unico que cumprem), de darem cabo dos clientes, ninguem ignora como são terriveis no manejo da penna e tinta! Dizia um poeta hespanhol:

Para vêr en breve extincta
a ventura mais serena,
não ha punhal como a penna,
nem veneno como a tinta!

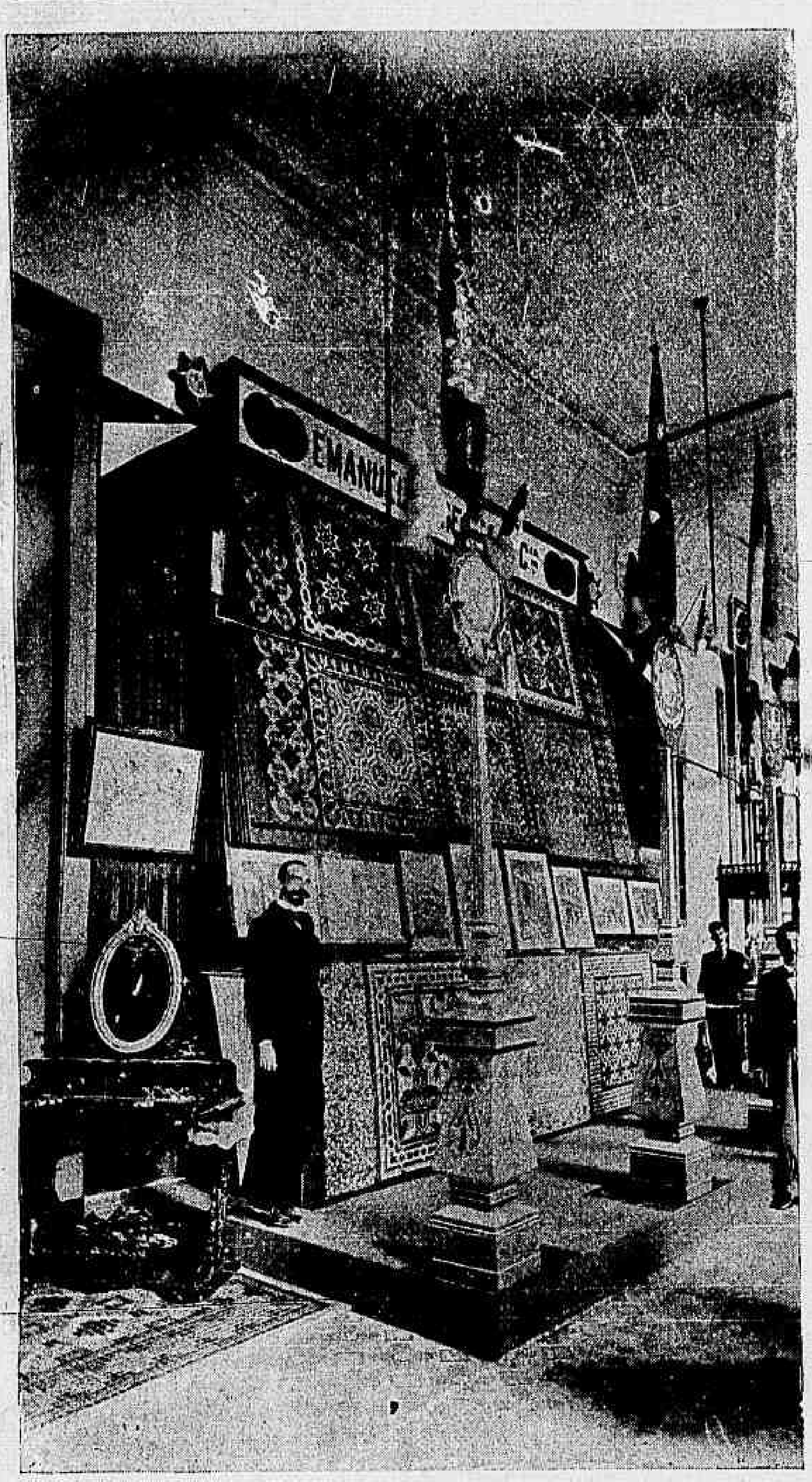
Não sei si, por isso, uma vez que a tinta entra no capitulo dos venenos, elles entenderam usal-a, como fazem, a todos os demais com tamanha proficiencia. Em todo o caso, aqui deixo este novo reparo á contradicção dos que acham mais consentanea com a delicadeza feminina a profissão medica. Gentes desmemoriadas, pensae que não ha neste Rio de Janeiro facultativo que se preze e que não tenha passado e levado descomposturas formidolosas! E' do officio. Um chapeleiro da rua do Ouvidor annunciava d'antes que muito desgraçado seria quem não lhe comprasse os chapéos que expunha á venda. Muito desgraçado e anonymo é o medico brazileiro que ainda não chuchou uma sarabanda jornalistica. Livrem-se as medicas!

Mas a inferioridade das advogadas está noutro ponto: na falta de jurys e juizes femininos. Nós, homens, nos entendemos, sabemos que móveis nos levam, que paixões nos agitam. Ellas mulheres lá conhecem tambem como raciocinam. De mulheres para homens e de homens para mulheres, até que se faça a adaptação, é que ha difficuldade em calcular bem as cousas. Passar-se-ha talvez uma phase embrulhada e confusa.

Não me digam que toda a sciencia do homem esteve sempre em conquistar a mulher e a da mulher em conquistar o homem. Ha um erro nessa affirmativa. Sem duvida, o fim é a conquista. Mas—para nos collocarmos só do ponto de vista feminino—o que a mulher visa é, sobretudo, arredar as outras concurrentes. Sente que o homem precisa de uma companheira para a vida ou para o amor, mas não se átira a capta-lo, estudando os meios de vencê-lo, por assim dizer, directamente: antes de tudo, indaga os processos de seducção das rivaes e busca supplanta-las. E' como um jockey, que, em vez de ir esporeando o seu animal, sem attender aos com-

**As festas do IV centenario**

**Pic-nic na Tijuca. Officiaes do cruzador D. Carlos e da Marinha Brazileira. Representantes da Imprensa**



**As festas do IV centenario.—Na Exposição Industrial.—Productos da casa Emanuel Cresta & C.**

petidòres, e buscando apenas attingir o maximo de velocidade, fôsse, de quando em quando, semeando obstaculos e atirando pedras, contra os outros jockeys. Essa é toda a sciencia das perfidias femininas!

Assim, cada sexo sabe como os que d'elle fazem parte sentem, pensam e agem. Em frente a outros homens, os advogados têm toda a segurança na sua eloquencia, nos recursos de que lançam mão. Tê-la-hão as mulheres? Duvido.

Lembram-se todos do velho caso de Phryné, passado na Grecia, ha tantos seculos. Como a quizessem condemnar á morte, o advogado, num impeto de inspiração, arrancou-lhe bruscamente a tunica e ella appareceu, nua e bella, aos olhos dos juizes, que a absolveram. Mas eram juizes-homens. O advogado sabia bem que o argumento, sendo decisivo para elle, não o s‹ria menos para outros do seu sexo. Tivessem sido mulheres e com esse recurso, tê-la-iam condemnado!

Calculem, porem, um tribunal moderno. Ha tempos, a Princeza de Chimay fugiu com o cigano Rigo. Imaginem que Rigo era preso e tomava para defendê-lo uma advogada. Fosse o jury feminino e ella poderia resumir as suas allegações em exhibi-lo aos olhos das juradas, embora, *cela va sans dire*, sem chegar ao excesso do tal homemsinho da Grecia...

— Senhoras juradas, chamo a vossa attenção para estes bellos olhos, este negro e espesso bigode, este peito viril e forte, a elegancia deste nobre perfil... Que importam brazões diante de tudo isto? Comprehendereis, de certo, que elle é digno de perdão.

Acreditem que ellas comprehenderiam. Salvo o caso pessoal de haver alguma ex-pretendente ao cigano, elle seria absolvido unanimissimamente. Igual argumento assanharia, entretanto, as mais bravas coleras e invejas de um jury masculino. Não deixaria de votar por todas as aggravantes, porque, estejam certos disso, sejam quaes forem as profissões e as occasiões, o amor, de quem dizia Leopardi,

...che muove il sole e l'altre stelle,

continuará a mover sempre os corações humanos...

*

Leram na quarta-feira o telegramma de Buenos-Ayres que o *Paiz* publicou? Pois lá está. E um exemplo. O Arcebispo surprehendeu em flagrante os amores da madre abbadessa de um convento com o seu cocheiro! Apanhou os dois e casou-os immediatamente.

Meditem. Boccacio tinha contado isso. Lafontaine pôz em verso a historia e garantiu que o burel das monjas não bastava para defendê-las das investidas do amor:

« Le voile n'est le rempart le plus sûr
Contre l'amour, ni le moins accessible... «

E' o que de novo se acaba de demonstrar, embora na narração de Boccacio o heroe fosse um jardineiro e aqui seja um cocheiro. A differença não é grande. Mas que os anti-feministas vejam bem: si ha profissão que pareça destruir o amor, a familia, as preoccupações domesticas é a de madre-abbadessa. Evidentemente nenhuma se pode figurar tão recatada. O recato é mesmo de tal ordem, taes são as preoccupações capaz de inspirar, que parece não abrir a menor fresta, por onde o amor consiga se esgueirar. Por excesso contrario ao da vida publica, dir-se-ia que tal estado seria tambem extremamente prejudicial aos interesses da propagação da especie. E não obstante, o victorioso amor soube transpôr todos os obstaculos! Porque não será assim para as advogadas? para as engenheiras Almas timoratas, nada receieis!

*

A que sentimento pode ter obedecido o bispo casando logo os dois delinquentes? Não creio que tenha sido ao de um grande enternecimento... Antes acredito que fosse o empenho de castiga-los — e castiga-los severamente. Quer me parecer que o cocheiro preferiria o amor puro e simples, sem platonismos, mas sem casamento. Stechetti dizia que, tendo amado uma hora, era o bastante:

Ci amammo veramente un'ora intera:
Fummo felici quasi un giorno e basta.

Foi isso que o malicioso sacerdote não quiz. Pensava o felizardo automedonte que era só amar e passar adiante com um satisfeito — *basta!* Não senhor! Amarrou-os o bispo com o *conjungo vobis*, apertou bem as duas mãos na estola nupcial e mandou os dois aturarem-se reciprocamente, pelo resto da vida... Estão punidos!

A dureza da punição dá mesmo a ideia, de que o Bispo não era talvez insensivel aos encantos da abbadessa. E não me julguem irreverente porque o digo: os bispos tambem são gente! Conta-se até de um papa — Gregorio XVI, que vendo um dia uma pequenina cruz de brilhantes no collo de formosa devota, disse a um cardeal, que lhe chamava a attenção para a cruz: « *A cruz é, de facto, muito bella, mas o calvario em que está ainda mais bello...* » Que muito seria, portanto, de admirar, se a opinião do bispo buonairense fosse favoravel á abbaddssa? Só assim se explica o seu despeito tão violento, que até a fez casar!

Casar! Pois o homem não podia recorrer a castigos mais brandos: mata-la de uma vez, tortura-la em supplicios inquisitoriaes, fazê-la assar a fogo lento?

Convenham que o castigo foi feroz!

*

O mal do casamento vem todo da incerteza do amanhã dos melhores enlaces. Estava eu a pensar nisto, quando deparei com o telegramma de Berlim, publicado na *Tribuna* em que se contava a morte do philosopho Schmidt, esmagado por um carro. Li e lembrei aquella critica de La Rochefoucauld. Achava elle que os philosophos arranjam-se de modo, que explicam perfeitamente o passado e dão regras excellentes para o futuro. Só, entretanto, não sabem uma cousa: regular o presente!

Foi o que succedeu ao Schmidt. Tinha com certeza idéas seguras sobre a origem da Terra, da Lua, do Sol, do homem e de Deus. Podia—é o que succede a todos os philosophos—contar o caso como se a elle tivesse assistido. Quanto ao porvir, ao que, por exemplo, será o mundo no anno 5000, possuia tambem presciencias divinatorias e indiscutiveis: as cousas se passavam como se já lá vivesse. Tinha remedios para todos os males que então podiam occorrer. Só um facto não vio nem remediou, quando ia pensando em tanto *Passado* e tanto *Futuro*: a carroça, que era o *Presente*, e que o derribou, rodou adiante e foi seguindo... Póde ser que o cocheiro tenha sido preso. Mas as rodas inconscientes, que puzeram em papa os miolos do philosopho, continuam hoje a calcar, com uma indifferença mais philosophica do que tudo, as ruas de Berlim...

D'Alembert contou que a sua ama de leite professava um grande desdem pelos philosophos. Porque? Porque dizia ella, são uns malucos que levam a vida a atormentar-se, só para que haja quem, depois que elles morrem, falle d'elles.

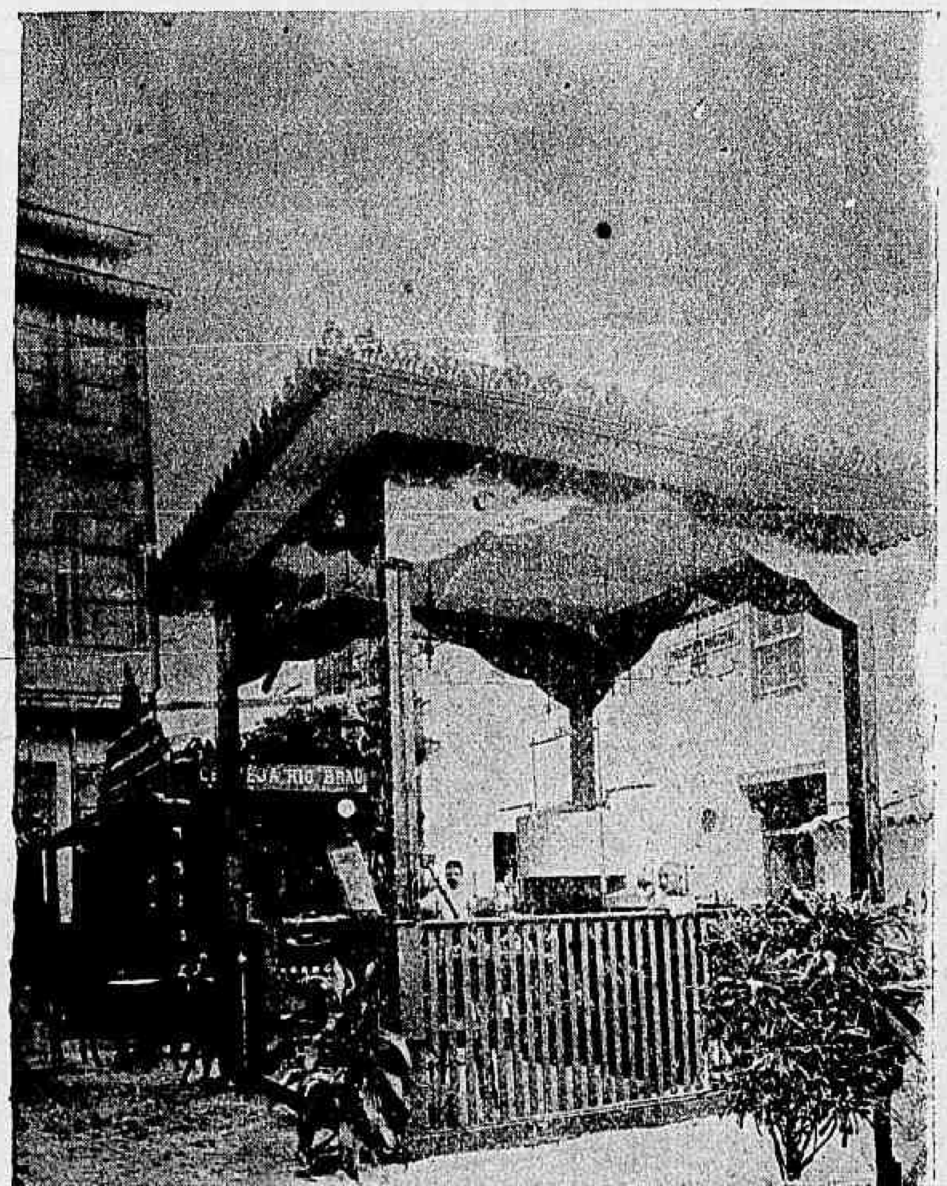
Se era esse o ideal do Schmidt, deve estar, em parte satisfeito. Algum dos senhores, emquanto esse escriptor esteve vivo, ouvio dizer alguma cousa a seu respeito? Creio que não. E, porque precisamente uma carroça, que não foi prevista por toda a sua philosophia, jogou-o ao chão e matou-o, o mundo inteiro ficou sabendo que elle tinha existido e philosophado sobre um grande numero de cousas que não interessavam nem a elle nem a ninguem.

Medeiros e Albuquerque

Era uma vez um rei. Depois de ter tido quatro filhos: tres rapazes e uma menina lindissima, ficou viuvo. Pouco tempo apoz, querendo alguem que tratasse bem de seus filhos, pensou em casar-se. Tomou para segunda esposa uma mulher, que lhe pareceu muito boa. Era, porém, feiticeira. Entre outras cousas, possuia um espelho que dizia sempre a verdade e um annel que fazia dormir quem o enfiava no dedo.

Um dia, a nova rainha acabava de enfeitar-se vestindo as suas melhores roupas, quando se lembrou de perguntar ao espelho: « *Ha alguma moça mais bonita do que eu? Duvido!* » O espelho, que dizia sempre a verdade, respondeu logo: « *Fazes mal em duvidar. Ha outra muito mais linda que tu: é tua enteada.* »

A rainha ficou furiosa e decidio fazer morrer a menina.



**As festas do IV centenario.—Na Exposição Industrial**

# AS FESTAS DO IV CENTENARIO

**Aspecto da praça da Gloria, junto ao monumento, antes da inauguração da estatua**

Desde então, principiou a maltratal-a barbaramente. A pobresinha ia definhando a olhos vistos. Os irmãos procuraram o pae e queixaram-se; mas o pae não lhes deu razão: achou que a menina merecia realmente ser castigada. Então os rapazes decidiram-se a fugir e ir pelo mundo a fóra, com a irmã, ganhar a vida.

Um bello dia, sem ninguem dar por isso, pozeram-se ao fresco. Andaram, andaram, andaram... até que, muito longe, encontraram, perto do mar, uma velha torre abandonada.

Entraram, correram as diversas peças e, embora muito admirados, decidiram ficar alli mesmo.

Ficaram. A partir do dia seguinte, regularam a vida: a irmã passava os dias em casa, cozinhando, tratando dos arranjos necessarios, emquanto elles tres iam caçar. Durante esse tempo, fosse quem fosse que viesse, ella não devia receber: em caso algum abriria a porta.

Correram dias. A rainha, perguntando ao espelho, sabia de tudo. Sabia, mas não se importava: o que ella queria é que a enteada estivesse longe.

No fim de algum tempo começou, entretanto, a receiar que, mais tarde, com saudades do pae, quizesse voltar. Decidio-se, pensando nisso, a ir ver se a podia matar.

Sahio um dia muito cedo, andou, andou, andou até alcançar a torre. Era meio dia. Os tres rapazes estavam na caça. Vestida de trapos, coberta de pó, com os olhos baixos, a rainha achava-se inteiramente disfarçada; parecia uma mendiga. Bateu á porta—*ton ton ton*—e esperou.

A moça debruçou-se á janella e perguntou quem era. «*E' uma velhinha cançada e faminta, que pede pousada.*» «*Minha velha,* respondeu a rapariga com pena, *eu não lhe posso abrir a porta: é ordem de meus irmãos. Mas, se você quer um pouco de comida, não tenho duvida em lhe dar.*» A feiticeira aceitou. A princeza amarrou uma gallinha assada num barbante e fel-a descer pela janella. A velha agradeceu muito e voltando-se para a moça disse-lhe: «*Eu já fui rica. Conservava desse tempo o annel de ouro que aqui tenho. Quero, todavia, que a senhora o aceite como lembrança, porque a mim, na minha idade, isso já não serve de nada.*» Dizendo isto, amarrou o annel no barbante e, emquanto a moça o puxava, ella se ia afastando.

A' tarde, os tres rapazes vieram da caça. Geralmente, assim que abriam a porta, a irmã corria a recebel-os. D'essa vez, porém, tal não succedeu. Havia em toda a casa o mais profundo silencio. Subiram, inquietos. Chegados acima, encontraram a moça cahida. Levaram-na para um sofá, procuraram fazel-a voltar a si e nada conseguiram. Era o annel magico que assim a fazia dormir; mas o somno era tão profundo que elles se convenceram de que estava morta. Tiveram com isso um desespero enorme.

Que ficavam alli fazendo? Resolveram que partiria cada um para seu lado, procurando meios de ganharem a vida. Quanto á irmã, tanto fazia enterrarem-na em alguma cova, como deixarem-na alli, naquella torre abandonada.

Estenderam-na em um sofá, cobriram-na de flores, fecharam todas as janellas, todas as portas, reuniram as chaves em um grande mólho e jogaram-no ao mar. Cada um despedio-se dos outros e seguio o seu caminho.

D'ahi a dias, o navio de um principe veio, por causa de uma forte ventania, ter á costa, perto da torre. O principe saltou; esteve em terra. Quiz entrar no velho casarão, mas não pôde, porque nenhuma chave das que possuia servia lá. Passou a noite a bordo. Na manhã seguinte foi tomar banho na praia. Por acaso, adiantando-se um pouco, pisou sobre as chaves, que os moços tinham atirado ao mar. Apanhou-as, fel-as limpar, porque estavam enferrujadas, e foi elle mesmo abrir a torre.

Abrio; entrou. Entrou, de sala em sala, examinando tudo curiosamente. Ao escancarar a porta do quarto em que estava a moça, e ver, de repente, aquelle rosto lindo, ficou assombrado. Quando, afinal, fez-se mais calmo, buscou acordal-a. Foi trabalho perdido. Nem pedidos, nem caricias, nem gritos—nada conseguia despertar a rapariga adormecida. Pensou tambem que ella estivesse morta, mas, examinando bem a respiração, notou que ainda vivia.

Como elle era obrigado a partir, esperou pela noite e, com um escudeiro em quem tinha confiança, carregou o corpo para o navio, sem que ninguem désse por isso. D'ahi por diante, pessoa alguma entrou no seu camarote.

Fez o mesmo ao chegar ao palacio. Levou a princeza para os aposentos em que vivia. Soube, porém, transportal-a com taes cautelas que não houve quem a visse.

Ao seu quarto só elle podia ir: nem ordenanças, nem fidalgos, nem mesmo seu pae ou sua mãe, a quem pedio que nunca o procurassem lá.

Todos andavam intrigados com aquelle mysterio. Demais, o principe vivia triste, sem appettite, não fallando a ninguem. Por mais que a mãe procurasse indagar qual era o segredo, elle nada dizia. Afinal, a velha rainha decidio-se um dia a saber o que havia no quarto. Mandou fazer uma chave falsa e, aproveitando uma occasião em que o principe sahira, entrou lá.

Quando achou a moça, ficou admiradissima. Que estava alli fazendo? Quem era?

Perguntou á princeza adormecida tudo isso; mas as suas perguntas ficaram sem resposta. Começou então a examinar-lhe a belleza; correu por entre os dedos o cabello sedoso e comprido; analysou as rendas e sedas do vestido; tirou, para ver melhor, seus brincos, suas pulseiras, seus anneis...

Quando a rainha acabava de tirar o annel ma-gico, o annel que fazia dormir, a moça accordou immediatamente. Contou então a historia de sua vida. Mas a rainha, embora muito commovida, quiz fazer uma surpreza ao filho. Tornou a pôr o annel no dedo da princeza, para de novo fazel-a dormir e sahio, deixando o quarto fechado.

A' tarde, o principe chegou. A mãe mandou-o chamar e interrogou-o de novo sobre o segredo que o fazia viver tão triste. Elle recusou dizer. «*Pois eu, filho ingrato, eu sei o que te faz soffrer e posso dar-te remedio!*»

Immediatamente ella, por um criado, mandou pedir ao rei e a todos os fidalgos que viessem promptamente. Todos acudiram. O principe, admirado, não dizia palavra. A rainha, á frente do grupo de fidalgos, seguio então para o quarto do principe e disse-lhe que abrisse a porta. Elle não queria. «*Bem,* replicou a rainha, *se não attendes ao meu pedido, has de obedecer á minha ordem: quero que abras!*» Não teve remedio senão cumprir a ordem..

Ao verem a belleza explendida da princeza, todos ficaram extasiados. A rainha, tirando-lhe o annel, fel-a então accordar. «*Ahi está tua esposa,* disse ella ao filho. *Para outra vez não sejas ingrato commigo; aprende a ter confiança em teus paes.*»

O principe, cheio de alegria, pedio que o perdoassem. Os dois noivos se abraçaram, chorando de prazer. Os fidalgos estavam cada vez mais encantados pela princeza.

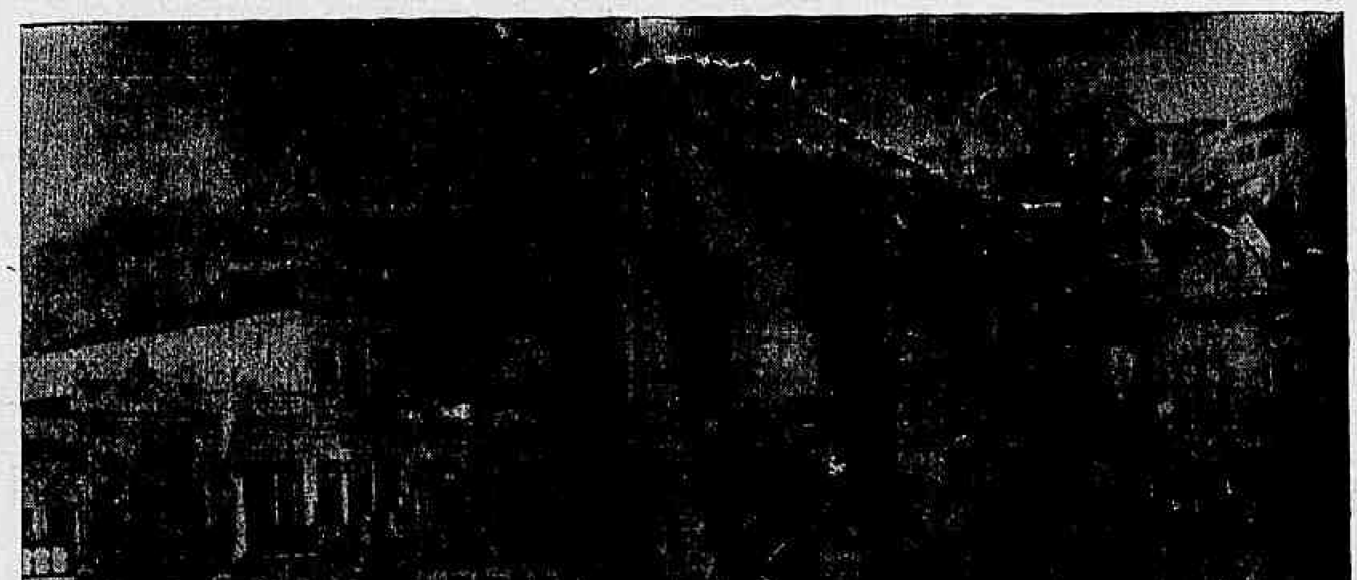
D'ahi a dias, Frei Anselmo, o capellão do rei, effectuou o casamento. Foi uma festa maravilhosa.

Casados, os dois viveram sempre muito bem. No fim de um anno, tiveram um filhinho.

Estavam assim, quando, um bello dia, desappareceu o pequenito. No berço em que elle dormia, encontrou-se um cachorrinho e um bilhete, dizendo que o menino se transformára em cão.

A princeza ficou tão triste que só desejava morrer. D'ahi a uns

## As festas do IV centenario



**Vista do monumento, na manhã do dia em que foi inaugurado**

anno teve outro filho, mas nunca se consolou da desgraça que soffrera. O marido, para distrahi-la, forçava-a a sahir, a passear, a ir até mesmo aos theatros de feira e aos circos de cavallinhos.

Uma noite, estavam precisamente em um circo, quando entraram tres palhaços. Eram tres palhaços novos, que o publico nunca tinha visto e que o emprezario do circo fôra contratar, um na França, outro na Allemanha e outro na Inglaterra. Nenhum delles conhecia os outros dois.

Ao principio, a representação correu muito bem: os palhaços faziam cousas tão engraçadas, que obrigavam todos a rir-se em grandes gargalhadas. A propria princeza sorria, alegre. De repente, porém, um dos palhaços olhou para ella e, no mesmo instante, ficou tão triste, que não conseguio mais dizer nada e sahio logo. Quando o segundo palhaço encarou tambem a princeza, quasi desmaiou. Não pôde mais continuar. O terceiro, que

mostrava nesse momento um macaco sabio, tambem ao vêr aquillo, levantou a vista para o logar em que ficavam os principes e immediatamente as lagrimas lhe saltaram dos olhos.

O espectaculo cessou. O povo estava admirado. Alguns queriam dar pateada nos palhaços. Todos indagavam porque se teriam elles sentido tão perturbados. O principe, furioso com a interrupção, mandou prendel-os e ordenou que fossem levados a sua presença.

Vieram os tres. No caminho o mais moço, que precisamente era o dono do macaco, disse aos outros:

— Não imaginam como eu estou triste! Quando, ainda ha pouco, olhei para a princeza, lembrei-me de uma irmã que tive e com quem ella se parece extraordinariamente.

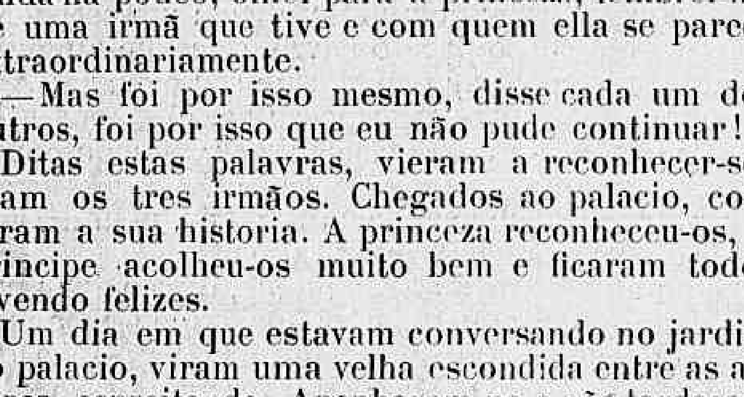
— Mas foi por isso mesmo, disse cada um dos outros, foi por isso que eu não pude continuar!

Ditas estas palavras, vieram a reconhecer-se: eram os tres irmãos. Chegados ao palacio, contaram a sua historia. A princeza reconheceu-os, o principe acolheu-os muito bem e ficaram todos vivendo felizes.

Um dia em que estavam conversando no jardim do palacio, viram uma velha escondida entre as arvores, espreitando. Apanharam-na e não tardaram a reconhecer a madrasta. Que fazia alli? Cheia de odio e inveja pela felicidade da enteada, queria ver se furtava, para trocal-o tambem por um cachorrinho, o seu segundo filho. Tinha sido ella quem levára o primeiro.

Os moços, depois de a terem prendido, pozeram-na em confissão, souberam tudo e obrigaram-na a dizer onde estava o outro menino. Depois que o acharam, resolveram, por castigo, matar a feiticeira, fazendo com que as fêras do circo a devorassem.

A scena não podia ser mais horrivel. Transida de terror, a velha mettia a cabeça por entre as grades da jaula, chorando, gritando, agarrando-se, convulsa e desesperadamente, com as mãos crispadas. Mas um dos leões approximou-se, farejou-a e, dentro em pouco, a desgraçada, disputada por todos elles, ficou reduzida a um monte de tacos



palpitantes de carne, que os monstros arrancavam soffregamente... Do focinho e das jubas, no furor da carnificina, pingavam gottas vermelhas do sangue da infeliz...

## Para não fazer um madrigal...

(NUM ALBUM)

*E' bem de ver que aqui, Minha Senhora,*
*não posso, como era costume d'antes,*
*fazer-lhe um desses madrigaes galantes,*
*cuja ousadia não se altura agora.*
*Para contar assim — facto sabido —*
*que é um mimo de graça e de belleza,*
*não me atrevo a dizer-lhe com certeza*
*que tentaria o proprio deus Cupido.*

*Pobre deus desprezado*
*N'este instante*
*até mesmo o seu nome esqueceria,*
*se não tivesse tido, noutro dia,*
*um sonho extravagante.*

*Calcule:*
*Era no Olympo. Reunidos*
*em assembléa, os numes poderosos*
*ouviam, attenciosos,*
*de Cupido os reclamos e pedidos:*

*— «Já não sou mais — dizia — lá no mundo*
*«o deus conquistador que d'antes era;*
*«já mais forte o poder agora impera*
*«do humano egoismo, cynico e profundo.*
*«A's minhas settas chama a humanidade*
*«brinquedo de ridicula criança:*
*«meu arco já nem fere, nem alcança*
*«dos peitos sem amor a crueldade.*

*«No escudo de Minerva, outr'ora havia*
*«uma arma singular: era a figura*
*«de Medusa — tão tragica e sombria,*
*«que a sua estranha e negra catadura*
*«bastava a qualquer um, assim que a via*
*«para, vencido de um terror sagrado,*
*«por terra se rojar, anniquilado.*

*«Pois bem! eu quero uma arma victoriosa*
*«que tudo assim ao meu poder reduza:*
*«que seja um rosto como o de Medusa*
*«mas Medusa de amor, meiga e mimosa.*
*«Vença, ao chegar! Imponha-se, altaneiro,*
*«pelo olhar, pelo gesto, pela graça!*
*«Talisman da belleza — a todos faça*
*«da seducção cahir no captiveiro...*
*«— Deuses, tal é o meu desejo ardente.»*

*Ao dizer isto, o loiro deus calou-se.*
*Fez-se um silencio.*
*Em voz placida e doce,*
*Jove então lhe volveu, calmo e descrente:*

*— «Não serei eu que o teu pedir rejeite...*
*«Certo, o meio é sagaz; mas não atino*
*«onde possas achar tão peregrino*
*«rosto, que, assim, o teu escudo enfeite,*
*«se até de tua mãe á formosura*
*«a humanidade já resiste agora...*
*«Busca, entretanto, algum — e, sem demora,*
*«terás o que teu voto hoje procura.»*

*Fez-se então pelos céos um alarido*
*de propostas, de nomes e de ciumes.*
*Mas, entre as discussões e entre os queixumes,*
*ninguem póde agradar ao deus Cupido.*

*Nisto, porém, meu sonho foi cortado*
*— sonho que mesmo agora, neste instante,*
*eu não sei de que idéa estravagante*
*possa dentro de mim ter germinado:*
*ninguem pensa, hoje em dia,*
*nos velhos deuses da mythologia...*

*Mas, como um sonho, quando nos abala*
*volta, ás vezes — bizarra coincidencia! —*
*ha de perdoar a minha impertinencia,*
*si tal acontecendo, ousar lembral-a.*
*Verá que as lutas e a rivalidade*
*em que o ciume dos deuses se consome*
*cessará por encanto — do seu nome*
*ante a sublime e excelsa magestade,*
*dando em tal solução, sem mais detença,*
*para o litigio explendido final...*

*E, aqui, Vossa Excellencia me dispensa*
*de deixar neste livro um madrigal.*

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

## UM SONHO PROPHETICO

Os problemas do occultismo, do hypnotismo e magnetismo têm, cada vez mais, o dom de apaixonar a imaginação, não só dos homens do povo, como dos que se dedicam á sciencia. Um exemplo d'isso está no ultimo livro do conhecido astronomo Flammarion, livro que se intitula: *O desconhecido e os problemas psychicos.*

Se o titulo póde parecer um pouquinho rebarbativo, o livro é da mais extrema singelesa. Flammarion chega, entretanto, nelle ás seguintes conclusões:

«1.ª *A alma existe como ser real, independente do corpo;*

«2.ª *Ella é dotada de faculdades ainda desconhecidas para a sciencia;*

«3.ª *Ella póde agir e perceber a distancia, sem o intermedio dos sentidos;*

«4.ª *O futuro está preparado de antemão e determinado pelas causas que o devem fazer surgir. A's vezes a alma o consegue descortinar.*»

Como se póde ver, não é pouco o que julga ter encontrado o illustre astronomo! Gloria eterna adviria a quem pudesse afinal cortar o debate tantas vezes millenar sobre a existencia da alma.

Os que lerem o livro de Flammarion, se o fizerem com um pouco de senso critico, acharão, todavia, que nada do que elle assevera com tanta emphase e segurança se póde considerar definitivamente provado. Mas o que faz esse volume interessantissimo é a colheita de factos estranhos, a que o autor se pôde entregar.

Por diversos jornaes e revistas da França, pedio elle aos seus leitores que lhe communicassem tudo o que lhes tivesse occorrido e parecesse implicar, já uma acção a distancia de vivos, moribundos e *mortos*, já phenomenos de sonhos divinatorios. Recebeu, por isso, milhares de cartas, quasi todas referindo successos estranhissimos. Deixou de margem as que julgou não apresentarem garantias de veracidade. Ainda assim, as que publica são numerosas e curiosas.

Ha, entre tudo o que é citado no volume, uma historia que vale a penna ser contada. Não se trata de qualquer episodio anonymo. A narração foi assignada pelo Sr. Bérard, antigo magistrado, que hoje occupa um logar na Camara dos Deputados da França. Demais, o narrador se refere a factos de que restam documentos officiaes. Se foi uma coincidencia, um caso de telepathia ou de adivinhação do futuro é o que se póde discutir; mas a narração é commovedora.

A scena data de 15 annos. Nesse tempo o Sr. Bérard servia como juiz de instrucção e estava precisamente tratando de um crime espantoso que tivera logar, havia pouco tempo. Para se distrahir, gostava de ir passear na floresta, perto da cidadesinha onde trabalhava. Mais de uma vez aconteceu-lhe, em taes passeios, internar-se tanto pela matta, que era obrigado a pernoitar em hospedarias rusticas.

Foi o que lhe succedeu certa noite, em que, já sem esperança de poder voltar a tempo, encontrou-se diante de uma pousada de lenhadores e carreiros, cuja taboleta apregoava ser — O ENCONTRO DOS AMIGOS. O magistrado entrou.

Não havia ninguem, senão o hospedeiro e a mulher. Elle era um hercules: catadura feroz, rosto amarello. Ella, pequenina, mirrada, carão moreno, vestida de trapos, olhar desconfiado e traiçoeiro. Pensar que aquelle pouso estava a muitas leguas de qualquer aldeia ou cidade não era idéa propria para dar muita satisfação e confiança a ninguem...

Assim, acabada a refeição, quando o juiz subio para um quartinho miseravel, que ficava por cima das cocheiras, ia disposto a tomar todas as cautelas. Habituado aliás, por força da sua profissão, a lidar com crimes, levava ás vezes a prudencia até o medo. Examinou bem o quarto. Havia a cama — que cama! — uma mesa e duas cadeiras vagamente capengas. Além da porta por onde entrára e que fechára por dentro, outra existia, dissimulada na parede do fundo e sem chave. Descerrou-a e olhou. Dava para uma escada, que ia pelo escuro adiante. Encostou-a com precaução e arrumou por trás a mesa e uma das cadeiras, de modo que fosse impossivel forçar a entrada sem barulho. — Feito isto, dormio.

Alta hora da noite, pareceu-lhe ouvir que tentavam penetrar no quarto:

— Quem está ahi?

Ninguem respondeu. Teria sido engano? Fôsse como fôsse, despertado assim, perdeu o somno. Só mais tarde, quasi ao amanhecer, adormeceu de novo. Adormeceu e teve um pesadello. Via em sonho que, na cama em que elle estava, havia alguem: não podia distinguir se era elle ou outra pessoa. Em certo momento, a porta suspeita abrio-se. O hospedeiro e a mulher appareceram. Ella ficou á entrada; trazia a lanterna e velava a luz com a mão; elle empunhava uma faca. Chegado junto do leito, o homem cravou a lamina no coração do hospede. Assim que o viram morto, trataram de leval-o. A mulher tomou-o pela cabeça, o marido, que ia á frente, pelos pés. Desceram a escada. A lanterna — detalhe curioso — carregava-a o marido, nos dentes, pendurada pela argola.

Estava neste ponto o pesadello, quando o juiz accordou, banhado de suor frio. Era manhã. Tratou de saldar sua conta e sahio.

Passaram mezes, passaram annos: tres annos. Um dia o Sr. Bérard leu, em um jornal, a noticia de haver desapparecido mysteriosamente o advogado Victor Arnaud. Pouco depois, a mesma folha noticiava que, apoz diversas buscas, sabia-se apenas que Arnaud estivera passeando na floresta e fôra visto na hospedaria — O ENCONTRO DOS AMIGOS. Immediatamente o magistrado lembrou-se do seu sonho. A noticia indicava o dia em que o hospedeiro e a mulher compareceriam perante a justiça. Embora não tivesse nada com a averiguação do crime, decidio-se a assistir ao interrogatorio.

De facto, na occasião aprazada, foi. Pedio ao collega, juiz de instrucção, para ficar no gabinete, a seu lado. Nada, entretanto, lhe revelou sobre as suas intenções e suspeitas.

Entrou a mulher. Perguntada, respondeu que, effectivamente, na noite indicada, passára por sua casa de negocio alguem, cujos traços coincidiam com os do advogado. Mas os dois unicos quartos em que elle se podia alojar, dois quartos da frente, estavam occupados. Por isso, elle não ficára.

Quando a hospedeira disse isto, o juiz Bérard, intervindo bruscamente, interpellou-a:

— E o quarto de trás, que fica por cima da cocheira?

A mulher, que até então não prestára attenção áquelle simples assistente, sentado junto ao magistrado, encarou-o, perturbada, sem voz, hesitando. Sua commoção foi tão visivel que o interpellante animou-se e com toda audacia, foi dizendo em um tom de absoluta certeza:

— *Foi ahi mesmo que Victor Arnaud dormio. Alta noite você e seu marido subiram pela escada da estrebaria. Elle trazia a faca, você a lanterna. Emquanto seu marido assassinava o viajante, você manteve-se junto á porta, tapando a luz da lanterna com a mão. Feito o crime, carregaram o corpo. Você segurou-o pela cabeça. Seu marido ia á frente, sustentando-o pelos pés e levando a lanterna, presa entre os dentes, pela argola.*

O juiz de instrucção estava embasbacado: só agora comprehendia o empenho do collega em assistir á inquirição de testemunhas, mas não podia imaginar como elle conhecia tão bem os factos. A mulher, livida de es-

As festas do IV centenario. — Pic-nic na Tijuca. Os representantes da Imprensa

panto, tremia, tiritava de terror. Quando Bérard, que afinal não fazia mais que repetir o seu sonho de tres annos antes, disse com toda serenidade as ultimas palavras: «... *Seu marido ia á frente, sustentando-o pelos pés e levando a lanterna presa entre os dentes pela argola*» — a criminosa não pôde conter-se e perguntou aterrada:

— Mas então o Sr. vio? o Sr. vio tudo?

Era a confissão...

Mais completa se tornou ella, depois que, sahida a hospedeira, entrou o homem. O juiz de instrucção disse-lhe tudo. Repetio-lhe nos mesmos termos a narração. Furioso, pensando que a mulher o havia trahido, elle só teve uma praga: cerrou os dentes colerico e rugio:

— Ah! cachorra! ella me pagará!

Buscas feitas na casa fizeram achar, não só o cadaver de Victor Arnaud, como os ossos de outro hospede, que devia ter sido assassinado muitos antes — antes mesmo da visita do ex-magistrado.

Como explicar tal sonho? E' difficil negar a sua realidade: seus resultados constam de documentos officiaes: por causa d'elle um réo foi condemnado á morte! Os nomes proprios dos que figuram em tudo isso estão dados com inteira clareza. Não se trata de uma fabula,de um conto de sensação. O Sr. Goron, antigo chefe de policia de Paris, confirma-o.

Resta saber se foi — ou uma simples coincidencia: — ou a visão telepathica (?) do que succedera ao primeiro assassinado: — ou, afinal, a adivinhação prophetica do que ia acontecer, tres annos depois, a Victor Arnaud.

Não nos cabe aqui entrar na apreciação de taes factos. Narramos este como um episodio digno de attenção. Quanto ao livro de Flammarion, embora extremamente curioso, está muito longe de ser, como elle quereria, uma obra de sciencia.

Quem o ler, não perderá tempo. Se não resolve, como ingenuamente parece acreditar, ao menos apresenta e formula problemas que sempre apaixonarão todos os espiritos cultos.

# ANNO DOIS MIL

Veja o leitor a estampa. Aquillo é um pedacinho do Rio de Janeiro no anno 2000, quando se festejar o quinto centenario.

A famosa avenida parisiense dos Campos Elyseos, com o seu arco de triumpho na extremidade, fará triste papel ao lado das nossas incomparaveis avenidas a se terminarem na maravilhosa bahia de Guanabara, orlada de pincaros recortados, inçada de *ilhas dos amôres*, um mar de esmeralda sob cupola de eterna saphira, aguas levemente franjadas de graciosas crispações pela brisa fagueira...

A' barra, o gigante de pedra continuando a dormir o seu somno millenar; em volta, no amphitheatro, soberbos cáes de cantaria desde a base do Pão de Assucar até á Praia do Cajú, bordados por uma theoria de palacios commerciaes e industriaes feitos de granito, combinando o effeito da belleza architectonica ao de indestructivel solidez.

Da rua do Ouvidor restará apenas a memoria: os homens de 2000 d'ella se lembrarão como hoje nos recordamos do largo do Rocio quando Tiradentes foi enforcado ou do campo da Honra no tempo das lavadeiras. Estará transformada em vasto e bellissimo boulevard, indo da praça da Republica ao mar, ladeado de admiraveis construcções, hoteis monumentaes, luxuosos cafés com terraços, armazens de modas á feição do *Bon Marché*. Para evitar agglomeração e embaraço (pois a população fluminense contará então um e meio milhão de almas) haverá no grande boulevard caminho para os pedestres separado do dito para as carruagens.

Ao meio, em um largo, ver-se-ha a estatua de um grande brazileiro que ainda não está nascido, estatua esculpida por um genial artista que igualmente ainda vai nascer.

As moças do seculo futuro saberão pisar com mais elegancia e fallar com mais correcção. Das suas lindas boccas não se ouvirá, como hoje, esse phraseado tão desagradavel: *vi elle, qui home, me deixe, tá bom*, etc.

Sabem como se chamará o Sacco do Alferes?

*Avenida das Rosas!* Um dos passeios predilectos da nossa aristocracia...

Botafogo, com a sua sublime enseada, attrahirá touristes do mundo inteiro, para se embevecerem na sua contemplação.

O ultimo caso de febre amarella terá occorrido em 1940 ha 50 annos. Os nossos netos exclamarão: Que molestia seria esta que produzia vomito negro e tinha nome de amarella? Nossos avoengos eram uns exquisitorios!

As festas do IV centenario. — O pavilhão presidencial na praça da Gloria, antes da inauguração do monumento

A tuberculose pulmonar tambem haverá passado á cesta das velharias. Os posteros dirão: Como estava a sciencia atrazada ha cem annos! Morria-se de tisica! Ora veja! Morria-se de tisica!! Que medicos ignorantes os do tal seculo 19.

Mas o nosso tempo encontrará defensores, pois sempre existirão partidarios do passado, apologistas do *bon vieux temps;* os velhos do anno 2000 hão de allegar a pureza de costumes dos homens do anno de 1900, a sua sinceridade, o seu patriotismo, a sua vida patriarchal, o seu desinteresse (exactamente o que nós hoje dizemos dos homens de 1800 e o que os de 1800 diziam dos de 1700).

*Le bon vieux temps* é sempre o melhor, embora não prestasse para nada.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Em summa, ao se commemorar o quinto centenario da descoberta do Brazil, a cidade do Rio de Janeiro terá attingido a um grão estupendo de progresso e de refinada civilisação. Depois da revolução franceza, realizam-se mais progressos em um unico seculo do que se realizavam em dez seculos anteriores á grande data *humana*.

Todavia, não nos illudamos sobre os progressos *moraes*. Os brazileiros de *dous mil* padecerão dos mesmos defeitos e vicios, das mesmas paixões que os brazileiros de 1900. Na politica, haverá intrigantes, nullidades empavezadas, excelsos *engrossadôres*. No commercio e na industria altos ladrões, açougueiros para vender kilos de 600 grammas, fabricantes de vinho sem uva, de manteiga sem leite. Na imprensa, escriptôres analphabetos, jornalistas venaes. Nas eleições, *mezas* facciosas, apuração a bico de penna, defunctos votando, camara depurando, opposição protestando, e finalmente tudo ficando em paz.

A municipalidade do anno 2000 continuará a não ter dinheiro para pagar aos seus empregados, apesar da sua renda de 250 mil contos. O Prefeito contrahirá emprestimo para saldar dividas, e por isso será considerado benemerito funccionario.

A eterna *questão* das carnes verdes ainda não terá obtido a sua solução. Uns pugnarão pelo monopolio, outros pela livre matança. Uns e outros *comerão*... carne. Pensam os senhores que desapparecerão os *bolinas?* Qual historia! Elles são immortaes. Nem mesmo no seculo 43 deixarão de existir: intrigantes politicos, nullidades empavesadas, excelsos engrossadôres, altos gatunos, açougueiros ladrões, falsificadôres, escriptôres analphabetos, jornalistas venáes, apuração a bico de penna, defunctos votando, camara depurando, opposição protestando, municipalidade caloteira, emprestimo do Prefeito, questão de carnes verdes, de lixo, de falta d'agua.

E um jornalista descontente escreverá no final do seu artigo de fundo: «O paiz vai á garra! Caminhamos para um abysmo».

(Nota final: Das cousas feias do Rio só existirá em 2000 o canal do Mangue. Não houve engenharia capaz de dar cabo d'aquella abjecção).

URBANO DUARTE.

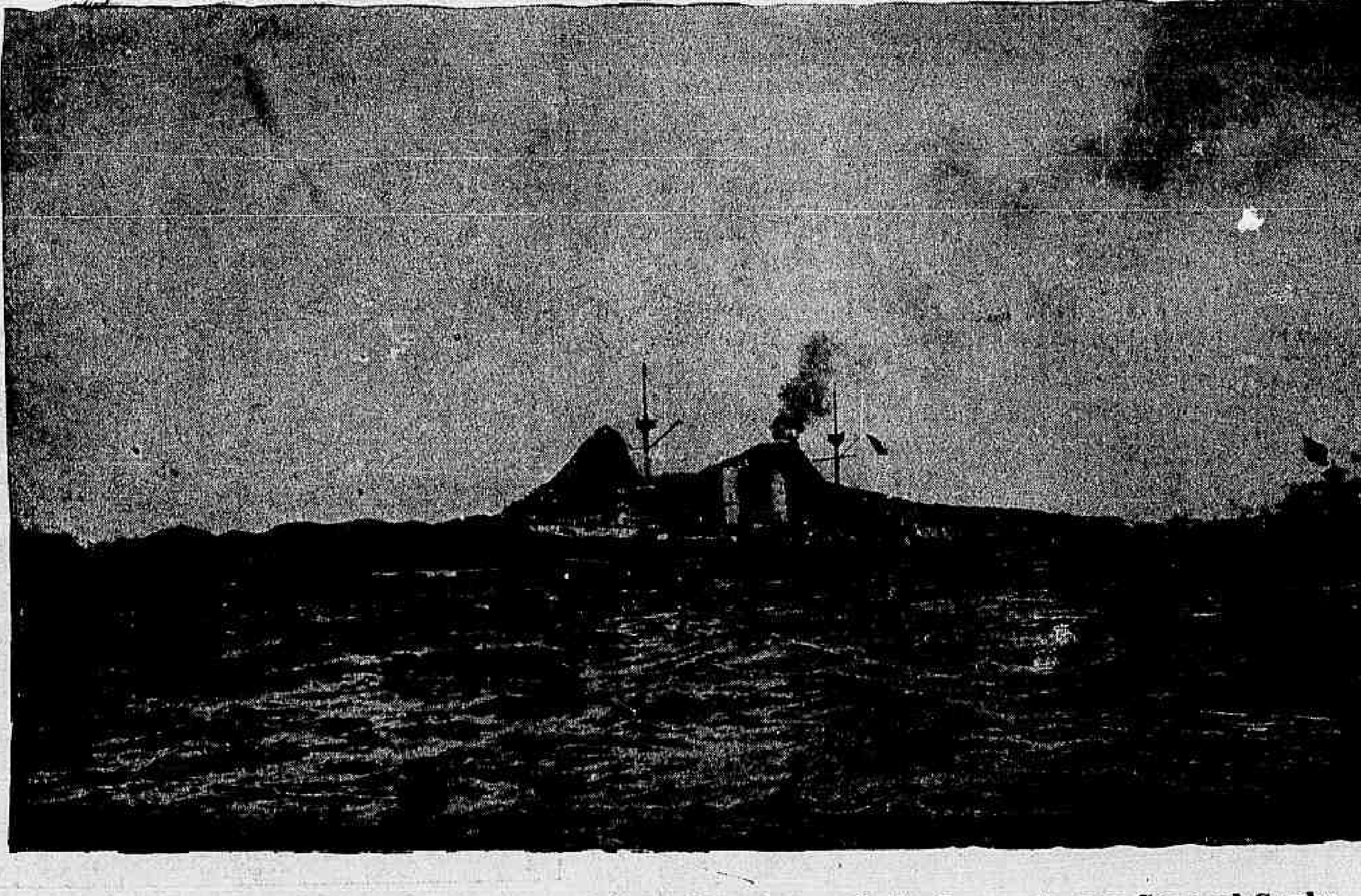
Na Exposição Industrial. — Productos da marcenaria do Sr. Tunes

## DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

**Navios em terra.** — Em terra firmissima! Operarios que trabalham em um canal perto da cidade de Adria, na Italia, ahi descobriram, enterrados, dois navios antigos. Estavam, portanto, a cerca de 30 kilometros do ponto mais proximo a que hoje chega o mar. Geologos e archeologos estão naturalmente satisfeitissimos. Os ultimos, porque a bordo foram feitos diversos achados interessantissimos: vasos, objectos de terra-cotta, armas, utensilios de bronze e até esqueletos humanos. Tudo isso tem pelo menos dois mil annos. Nesse prazo vê-se, por isso, que as costas do Adriatico foram avançando progressivamente. Esse avanço é, mais ou menos, de 15 metros por anno! D'ahi conclue *La Nature* que o mar, que tantas vezes embalou Virgilio, não tem diante de si um futuro muito longo. A face da terra vai assim, lentamente sendo transformada: em uns pontos é a terra que vai ganhando, noutros é o mar; mas a acção, embora minima, é incessante...

No Perú, por exemplo, ha uma região, onde fica a cidade de Payta, que tem duas singularidades. Em primeiro logar, é ponto onde as chuvas (não os *chuvas*) são quasi desconhecidas: ha uns pequenos aguaceiros, *de sete em sete annos!* Em segundo logar, toda essa zona está cada vez sendo mais alteada. Das mais antigas observações até hoje a differença de altura das costas é pelo menos de 13 metros.

## A EMBAIXADA PORTUGUEZA



**Chegada do cruzador « D. Carlos, » a cujo bordo veio o embaixador portuguez General Cunha**

(Photographia offerecida pelos Srs. Bastos & Dias.)

**Um congresso feminista official.** — Os congressos feministas não são raros. Nenhum delles até hoje tinha, entretanto, logrado o apoio *official* de um governo. E' esta circumstancia que dá particular importancia ao que vai ter logar em Paris. Eis o que diz a circular da commissão organisadora:

« Este congresso, designado sob o titulo de *Congresso internacional da condição e dos direitos da mulher*, reunir-se-ha em Paris a 5, 6, 7 e 8 de Setembro de 1900 no palacio da Economia Social e dos Congressos.

« A aceitação pelo governo da Republica Franceza de um programma de estudo das reivindicações feministas prova o quanto já se progredio e deve encorajar nos seus esforços aquelles que têm por fim o melhoramento da sorte da mulher.

« Submettida a leis em cuja elaboração não toma a minima parte, a mulher, quaesquer que sejam sua intelligencia e capacidade, é sempre tratada como menor e soffre, graças á condição miseravel que lhe é feita na sociedade.

« Solteira, difficilmente poderá ganhar a vida: em regra geral, o salario com que lhe compensam o trabalho é irrisorio e constitue um simples auxilio.

« Casada, sua fortuna e o lucro do seu esforço estão á mercê do marido.

« O estudo dos meios proprios para melhorarem uma tal situação nos parece digno de chamar a attenção dos legisladores, dos sociologos, de todos aquelles que se preoccupam com as grandes idéas de Justiça e Progresso, porque a emancipação moral da mulher, contribuindo para a diminuição e allivio da sua actual miseria, será a melhor garantia da sua dignidade futura.

« Por esse motivo, submettemos ao exame do Congresso as questões seguintes:

« Do ponto de vista economico, a igualdade dos salarios;

« Do ponto de vista civil, as mesmas prerogativas para os dois sexos;

« Do ponto de vista politico, direitos iguaes para o homem e a mulher.

« Acreditamos que o principio: — *a trabalho igual deve corresponder salario igual* — é um principio de elementar equidade e achamos justo dar ás mulheres, que, perante a lei, são responsaveis e, perante o fisco, são contribuintes, a possibilidade de tomarem parte na discussão dessas mesmas leis a que estão submettidas

« Convidamos, portanto, para o *Congresso internacional da condição e dos direitos das mulheres* todos aquelles que se preoccupam com o futuro da humanidade, e temos esperança de que o nosso appêllo será ouvido tanto na França, como fóra d'ella. »

Que o governo de uma grande nação européa possa ter dado o seu apoio official a um tal programma, é evidentemente um signal dos tempos...

**O commercio de ovos.** — Não se imagina bem, á primeira vista, que valor póde ter o commercio internacional de ovos. Só, porém, no anno de 1898 a Inglaterra importou essa mercadoria no valor de 111 milhões de francos, dos quaes 24 foram pagos á Russia.

Na Allemanha fundaram-se agora grandes depositos para a venda, sob a protecção de um club agricola que está buscando monopolisar o commercio interior em diversas cidades. Cada socio do Club manda ovos marcados. Se algum é vendido e o consumidor verifica que não está fresco, recebe em compensação 15 outros, em perfeito estado e sem nenhuma outra despeza. O fornecedor da mercadoria avariada não só é assim punido, como a sociedade o exclue por algum tempo dos seus depositos.

**Para fazer crescer as crianças.** — No nosso tempo de alto charlatanismo pharmaceutico, o publico, á força de réclames, acabou por habituar-se aos remedios de nomes pomposos e kabbalisticos. Só elles parecem ter prestigio.

Ha, entretanto, contra isso uma reacção evidente por parte ao menos de certos medicos e sabios eminentes. Charles Richet, o creador do methodo serotherapico, ao qual se deve a cura do *croup* e da peste, pensa ter descoberto o remedio para a tuberculose. Não é, todavia, nenhuma droga secreta de que elle queira previlegio, nenhum vaporisador ou vaccina complicada e difficil. Trata-se de um succo extrahido da carne fresca, em condições taes, que o melhor será sempre o doente prepara-lo em casa. Comprehende-se que um tal medicamento não terá muitos annuncios dos pharmaceuticos...

Agora, o Dr. Mauricio Springer, que é chefe de Laboratorio na Faculdade de Medicina de Paris, terminou tambem estudos interessantissimos sobre o crescimento dos animaes e, em especial, do que mais nos importa: o homem.

Todos sabem que os grandes criadores de gado, que procedem com sciencia e intelligencia, chegam diariamente a produzir variedades de animaes, ora mais altos, ora mais baixos, mais gordos ou mais magros, com tal ou qual parte do corpo mais ou menos desenvolvida, conforme as necessidades da industria. Até mesmo, dentro de certos limites, se tem obtido a producção, á vontade, de animaes de um ou outro sexo.

Porque, entretanto, nada de analogo se faz com o homem? Já Herbert Spencer notou essa extranha anomalia.

O Dr. Springer estudou durante annos o crescimento dos diversos sêres vivos e especialmente das crianças. Não cabe aqui a exposição dos seus trabalhos: são longos, minuciosos, bem feitos. Pode apenas caber o enunciado dos resultados a que elle chegou.

O meio seguro para apressar o crescimento normal das crianças é o uso em tisana dos cosimentos de cereaes. Nada mais facil de se obter.

Em tres litros de agua, collocam-se duas colheres de sôpa de cada uma das seguintes cousas: trigo, cevada, aveia, centeio, milho e farello. Deixa-se tudo isso ferver durante tres horas até não restar mais sinão um litro de agua. Coado o residuo numa peneira fina, é elle que se dá a beber ás crianças.

Certo, um tal alimento não possue o bello nome e o aspecto, mais bello ainda, dos pequenos frascos e latas de *phosphatinas, ingestas, racahouts, Mellin's foods*, e outras preparações apregoadas nos annuncios de todos os droguistas... A ideia de fazer um filho ingerir cosimento de milho e farelo, repugnará a muitas damas delicadas. Fica-lhes livre o direito de arruinarem a bolsa e a saude dos seus rachiticos descendentes, entupindo-lhes os estomagos com drogas caras e prejudiciaes...

**O que se gasta no Senado norte-americano.** — Não é segredo para ninguem que a administração norte-americana constitue um modelo de corrupção. Graças á instabilidade dos empregados, admittidos ou demittidos conforme a politica que representam, sem attenção nenhuma a outros meritos, a desmoralisação é quasi geral. Mas ella não pára nas pequenas repartições. Diz uma phrase celebre que *nasce de cima a corrupção dos povos*. Não é, pois, de admirar que, mesmo no Senado norte-americano, tenham logar factos escandalosos, como os que se deprehendem das simples notas seguintes:

A verba de despezas eventuaes e imprevistas sobe naquella camara a 200 contos. Em quatro mezes de sessão, no anno de 1898, gastaram-se 185. Como? E' o que se pode vêr.

Em telegrammas expedidos pelos senadores, telegrammas — era inutil dizê-lo — quasi todos de natureza particular, foram-se 34 contos. Só, em um dia, certo cabalista passou 249 despachos telegraphicos!

Com differença de um mez, o fornecedor de bebidas diversas: aguas mineraes, limonadas, etc., apresentou duas contas A 1ª chegava a 5:700$, a 2ª a 2:000$000. De gelo gastaram-se *apenas* 1,411,033 libras — o que foi pago por 17:500$000.

Verbas interessantes: as de medicamentos. Creem os senhores que os honrados paes da patria em Washington curam-se de constipações chronicas e febres palustres, á custa daquella verba? Pois o facto é verdadeiro. Nos 11:000$ em que importou a conta da pharmacia, estão alguns litros de oleo de ricino e nada menos de 12:100 grammas de quinina! Ha mesmo remedios, que indicam molestias bem feias...

Canivetes, carteiras, *porte-monnaies*, figuram a par de muitas outras cousas entre os objectos de secretaria gastos durante esse tempo e que custaram esta bagatella: 65:000$000.

Chega-se afinal á despeza com a lavagem de toalhas. Imaginem quantas? 4.355 duzias!! Só a Sra. Ida Bamiley tratou de 3.622 e ganhou 7:500$000. Outra lavadeira, talvez mais velha e mais feia, apanhou este restinho: 733 duzias, que lhe renderam 1:350$000. Uma terceira, incumbida de pequenos serviços (quaes?) abiscoitou ainda assim 570$000. Ao todo, portanto, 55.969 toalhas lavadas e 9:420$ despendidos — e tão pouca gente de mãos limpas, entre esses 90 senadores!

**O tratamento da morte.** — Foi com o titulo suggestivo e paradoxal de *tratamento physiologico da morte* que o Dr. Laborde escreveu um volume sobre as tracções rythmadas da lingua.

Apanha-se ás vezes um individuo que acabou de afogar-se. Verifica-se minuciosamente e adquire-se a certeza de que os pulmões não respiram, o coração não bate. Nada mais resta a fazer; é um cadaver.

Pois bem: pode não ser. Tome esse individuo, abra-lhe a bocca, apanhe com a mão forrada de um lenço a ponta da lingua e comece a pucha-la em compasso, regularmente. Acompanhe isso, si podér, com os outros movimentos, proprios a despertarem a respiração artificial e espere o resultado: é muito possivel que o morto resuscite.

Desde que aquelle homem entrára na vida, a respiração começára incessante, infatigavel, sem parar um momento, á razão de 18 inspirações e expirações por minuto. Todos os tecidos, todo o organismo estão habituados áquelle trabalho. Comprehende-se que, se ainda ha nelles um restinho qualquer de vitalidade, e consegue ser excitado, os movimentos, tão interruptamente seguidos, tantos milhões de vezes, durante tantos annos, não terão talvez muita difficuldade em recomeçar.

Certa vez, o Dr. Laborde estava explicando o processo, em uma enfermaria de hospital, a varios alumnos. Cerca de meia hora antes fallecêra uma mulher — não, é claro, afogada — mas de uma velha molestia organica. O medico — para ensinar aos alumnos o meio pratico de segurar a lingua, de fazer as tracções, utilisou-se do cadaver. Afim de facilitar a operação, metteu na bocca da morta uma bengala, posta horisontalmente, para sobre ella poder operar mais promptamente os movimentos. De repente, ao cabo de alguns minutos, a morta resuscitou. E' verdade, que não durou mais de algumas horas e, *da segunda vez que morreu*, foi... de verdade. Mas, imaginem a surpreza do mestre e dos alumnos! Um escriptor fantasista podia mesmo suppôr que, quando o cadaver (?) abriu os olhos, esperava de certo achar-se ou no céu ou no inferno: era o natural. Achou-se, entretanto, de bengala á bocca, cercada de rapazes, com um typo a puchar-lhe a lingua! Não diz a relação do facto, si a surpreza lhe foi agradavel.

Até pouco tempo, entretanto, não se levavam as tentativas sobre o cadaver alem de alguns minutos a uma hora, ou pouco mais. O Sr. Vautier, communicou, entretanto, á Academia de Medicina de Paris, que poude salvar um homem ao cabo de *tres horas* seguidas de tracções na lingua!

Quantas centenas de milhares de asphyxiados não terão sido considerados mortos, antes de tempo!

**Um novo balão.** — Os que buscam resolver a navegação aerea dividem-se em dous grupos.

Uns preferem os balões. Acham melhor elevar-se da terra em apparelhos mais leves que o ar, procurando então dirigir-se.

Outros pensam em copiar as aves que, mais pesadas que o ar, nelle se manteem e evoluem pelo movimento das azas. Surge agora o Sr. Danilewsky que está experimentando por conta da Russia e entende ajudar-se com um balão, só o bastante para compensar em parte o excessivo peso do homem; pedindo, porem, o principal do esforço ao aereonauta.

Resta vêr o que conseguirá.

Officinas da REVISTA DA SEMANA, Lavradio, 150.